



OLHAR "DI" VER CIDADE: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Juliana Aguiar*

Ângela Barros**

Iolita Marques***

João Luiz Maia****

Resumo – O presente artigo propõe-se a apresentar o percurso de um trabalho participativo e interdisciplinar realizado com um grupo de alunas artesãs que integram o curso técnico em Artesanato, modalidade Proeja, do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), *campus* Maceió, trazendo a reflexão sobre a busca da sustentabilidade por meio do conhecimento e do entendimento do meio que habitamos, considerando a identidade cultural e as tradições existentes no objeto de estudo, aqui representado pelas cidades do estado de Alagoas. A partir de uma metodologia sustentável, aplicada no desenvolvimento de produtos que têm como característica o design e o fazer artesanal, resultando em peças que apresentam identidade única e que trazem como resultado elementos representativos da atmosfera do objeto estudado.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Design. Produção artesanal. Interdisciplinaridade. Proeja.

INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho em questão é apresentar o relato de uma experiência participativa realizada no Instituto Federal de Alagoas (Ifal) – *campus* Maceió, executada com a participação de alunas do curso técnico em Artesanato, modalidade Proeja. O referido curso é direcionado a artesãs que não possuem ou não finalizaram o ensino médio regular. Trata-se de uma proposta educacional interdisciplinar, voltada para o aperfeiçoamento do fazer artesanal do seu público, bem como a possibilidade de agregar valor aos seus produtos, propondo alternativas viáveis e inovadoras mediante métodos projetuais aplicados ao design.

* Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário Cesmac. Professora do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) – *campus* Maceió. *E-mail:* jususpyro@hotmail.com

** Mestre em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Professora do Ifal – *campus* Maceió. *E-mail:* angela.barros@fapeal.br

*** Especialista em Metodologia do Ensino de Projeto pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG). Professora do Ifal – *campus* Maceió. *E-mail:* iolita@uol.com.br

**** Especialista em Metodologia do Ensino de Projeto pelo Cefet-MG. Professor do Ifal – *campus* Maceió. *E-mail:* jl-maia@uol.com.br

Buscando uma visão crítica e identitária do grupo, o referido trabalho tem como finalidade a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que estão inseridas, através da aplicação de uma metodologia sustentável, embasada nos pressupostos da Educação Patrimonial, em que a realidade cotidiana está sempre presente na criação e execução de suas peças.

O processo propõe refletir acerca da compreensão da realidade que cerca esses sujeitos, na tentativa do reconhecimento da identidade do cidadão alagoano, mediante a busca por suas raízes, suas tradições e seus costumes. Percebe-se que o fazer manual dessa aluna artesã, ao ingressar no referido curso, está vinculado à reprodução de modelos já existentes no mercado ou retirados de revistas especializadas. Ou seja, produzem cópias que não possuem uma identificação com as referências presentes no estado de Alagoas. Essa prática reflete na produção artesanal desse grupo, pois deixa de lado todo o potencial existente na cultura alagoana, sem tirar proveito de suas características e referenciais sempre recheados de personagens únicos, folclore rico e diversificado, diversidade de costumes e tradições.

A partir de visitas técnicas às cidades do estado de Alagoas, a metodologia busca inserir o grupo na realidade do interior do estado, a fim de desenvolver olhares únicos e reflexões apuradas sobre a realidade encontrada nessas cidades. São as análises realizadas pelas alunas que refletem a busca pelo amadurecimento educacional e profissional, já que nosso público se encontra inserido no mercado do artesanato local.

Buscamos, por essa abordagem, desenvolver a autoestima das alunas, fazendo com que seja desenvolvida uma consciência crítica acerca do processo de criação, e que o grupo se conscientize de seus saberes e da sua responsabilidade, com a relação aos seus deveres de multiplicadores da nossa cultura.

A RESPEITO DA SUSTENTABILIDADE

Durante muito tempo, a humanidade viveu a ilusão de que os recursos naturais existentes no planeta não chegariam ao fim e que o desmatamento e a extração indiscriminados desses recursos não afetariam o equilíbrio ambiental da Terra. Sendo assim, o padrão de vida adotado e instituído por um sistema econômico alimentado pelo consumo estaria sempre contribuindo com o crescimento e desenvolvimento dos países capitalistas. Diante dessa perspectiva, chegaríamos à conclusão de que quanto mais consumíssemos, mais estaríamos alavancando a pretensão de crescimento e desenvolvimento dos países ditos do "terceiro mundo". Esses, por sua vez, eram induzidos a acreditar que atingiriam um lugar de destaque no cenário mundial, apostando no modelo de desenvolvimento que se apoiava na industrialização, como base para o crescimento econômico.

No entanto, conforme afirma Papanek (1995, p. 17), "existe uma dimensão ecológica e ambiental em todas as atividades humanas". Assim, em face da necessidade sempre

crescente de aumento da produção de bens de consumo, para atender os ditames do modo de produção capitalista, o que implica extração cada vez maior de matéria-prima, surge, a partir da década de 1970, um sinal de alerta em meio ao cenário mundial. Segundo Roaf, Crichton e Nicol (2009, p. 25), "o grito de alerta do meio ambiente global, nos advertindo sobre a seriedade dos problemas a enfrentar, foi dado pela primeira vez no primeiro encontro geral do Clube de Roma em 1970". A partir de então, questões até aquele momento negligenciadas passaram a ocupar lugar de destaque nos debates em organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o Banco Mundial, só para citar alguns. Nesses debates, passam a ser discutidas questões como: Os nossos recursos naturais não se renovam, sendo assim, como não terão fim? O descarte de produtos manufaturados aumenta cada vez mais com o incentivo ao consumo, teremos espaço no planeta para tanto lixo?

É nesse contexto que surgem vários programas de sustentabilidade, com o objetivo de assegurar a sobrevivência das futuras gerações, satisfazendo as necessidades do presente.

Com o passar dos anos, embora ainda alimentemos a esperança de sermos sustentáveis, vimos e comprovamos que essa não é uma tarefa simples e que, apesar de existirem várias iniciativas voltadas a esse propósito, não conseguimos suplantar a ideia de um colapso ambiental.

De acordo com Boff (2012, p. 53), "o caos nunca é absoluto e a ordem, jamais estável. Tudo está em processo permanente e aberto, em busca de um equilíbrio dinâmico". Vivemos a expectativa de alcançar um "equilíbrio dinâmico", em que o movimento da evolução andaria sempre estável sem comprometer a existência humana na Terra. Esse equilíbrio resultaria na sustentabilidade e na construção da identidade dos indivíduos, mediante o conhecimento e o entendimento das raízes culturais e tradicionais de cada indivíduo. Romero (2001, p. 18) afirma que "a identidade refere-se a uma parte do território, natural ou construído, que ressignifica o nosso entendimento do meio físico", mas de que forma isso seria possível?

Dentro de uma perspectiva macro, e levando em consideração a diversidade de costumes, crenças e tradições do ser humano, talvez seja inviável pensar em uma padronização de ações em busca de um objetivo comum. Apesar dos esforços envidados, constata-se que o objetivo tão desejado – a sustentabilidade – só tem obtido êxito quando delimitado a universos menores, como cooperativas, associações de artesãos etc. "Assim como a cultura ambiental, a identidade é uma síntese das condições do meio natural e da paisagem construída, dos conjuntos urbanos e dos espaços de uso público, das edificações, do mobiliário etc." (ROMERO, 2001, p. 18).

Solidificamos, então, a premissa de que a bagagem cultural do indivíduo, construída por meio de sua vivência cotidiana, é especialmente rica de elementos característicos de sua individualidade socialmente construída, que colaboram com a construção do seu conhecimento e entendimento do lugar em que habita, podendo, assim, contribuir para o "equilíbrio dinâmico".

A metodologia sustentável proposta neste trabalho parte do pressuposto de que o trabalho educativo, permanente e sistemático, centrado na perspectiva do Patrimônio Cultural¹ como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, constitui-se em uma alternativa viável para a produção do conhecimento crítico acerca da tão decantada sustentabilidade. Entendemos, pois, que, partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, possibilita o conhecimento, a apropriação e a valorização da herança cultural dos indivíduos, capacitando os sujeitos para um melhor usufruto desses bens, propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de apropriação, reflexão e criação.

Nesse contexto, reforça-se a ideia de que a Educação Patrimonial², trabalhada em pequenos universos, possibilita o conhecimento crítico e a apropriação consciente dessas comunidades junto ao seu patrimônio, fundamentais no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

Tomamos como objeto de reflexão – o artesanato – que, neste trabalho, busca estabelecer uma convivência pacífica com o meio que habitamos mediante métodos e processos de criação, embasados na metodologia sustentável, pautada na Educação Patrimonial.

O ARTESANATO

Dentro de um conceito amplo e de acordo com o documento que trata sobre a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (BRASIL, 2010, p. 3),

[...] artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural).

Dentro do proposto neste trabalho, a definição citada não atende ao objetivo a ser alcançado, que está ligado à busca do "equilíbrio dinâmico" por meio da redescoberta e da

1 - "São todas as manifestações e expressões que a sociedade cria e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança" (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 5).

2 - "Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural [...]" (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

preservação da identidade cultural de cada um (metodologia sustentável). Sendo assim, nos embasamos na definição de Lins (2009, p. 9), que assim se expressa: "O artesanato é a expressão mais autêntica da criatividade popular, em que o criador se serve de habilidades manuais para dar forma ao mundo que o cerca". O mundo que nos cerca instiga a criatividade da artesã. Sobre a artesã, o que encontramos no documento que trata sobre a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (BRASIL, 2010, p. 2) diz que:

[...] trata-se do trabalhador que de forma individual exerce um ofício manual, transformando a matéria-prima bruta ou manufaturada em produto acabado. Tem o domínio técnico sobre materiais, ferramentas e processos de produção artesanal na sua especialidade.

Dentro da compreensão de Lins (2009, p. 9), o artesão "é a mediação mais autêntica entre seu entorno e o objeto por ele criado". Nesse contexto, seu cotidiano deveria ser a inspiração para o desenvolvimento de seus produtos.

O ARTESANATO EM ALAGOAS

De acordo com o que acabamos de apresentar, a diversidade cultural existente nas regiões do Brasil deveria ser uma potencial fonte de inspiração para artesãos locais. No entanto, em contato com nossas alunas artesãs, a realidade nos mostra que precisamos resgatar nossos valores culturais em prol de nossa sobrevivência, como cidadãos e como seres humanos. Vivemos em um mundo cada vez mais sedento por produtos e/ou espaços que contenham uma história, que mostrem a gênese da ideia e que tragam um conceito em sua concepção. Artesãs e designers estão alinhados nesse contexto, uma vez que há similaridade no processo de criação de suas peças, diferenciadas apenas pelo processo de execução, pois a artesã tem suas mãos como ferramentas principais no processo de fabricação de seus produtos, além de dominar todo o processo de produção, desde a extração da matéria-prima até o resultado final concretizado.

Partimos do pressuposto de que a preservação de nosso meio natural (meio ambiente) está no conhecimento e entendimento que temos dele; só conseguimos preservar o que conhecemos de perto. Para que isso ocorra, no entanto, é necessária também a utilização da metodologia adequada.

De acordo com Andrade (2010, p. 11), metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento. Trata-se, pois, de uma ação planejada, baseada num quadro de procedimentos sistematizados e previamente conhecidos, tendo em vista a consecução de objetivos pretendidos.

A metodologia sustentável proposta neste trabalho busca a preservação, por meio do conhecimento e do entendimento, tanto da matéria-prima trabalhada quanto do local em

que está inserida, e, ainda, do processo de criação do produto. "O método de projeto, para o designer, não é absoluto nem definitivo; pode ser modificado caso ele encontre outros valores objetivos que melhorem o processo" (MUNARI, 2008, p. 11). Dessa maneira, a busca por novos caminhos (metodologia) é possível e viável. É ainda Munari (2008, p. 12) quem afirma: "As regras do método não bloqueiam a personalidade do projetista; ao contrário, estimulam-no a descobrir coisas que, eventualmente, poderão ser úteis também aos outros". Obedecer a uma trajetória e a um caminho (um conjunto de métodos), que inicia com o reconhecimento do meio, seus referenciais e suas características regionais, faz parte de uma metodologia desenvolvida com base em experiências e estudo de diversos autores que tratam do desenvolvimento de métodos de criação em design.

É com base nos pressupostos referidos e a partir das considerações esboçadas que apresentaremos, a seguir, o desenvolvimento de um projeto de metodologia sustentável, desenvolvido no Ifal – *campus* Maceió, estado de Alagoas, Brasil – que tem como objetivo desenvolver produtos embasados no conhecimento e entendimento das características históricas sociais e culturais do lugar em que se encontra a matéria-prima empregada no produto, a partir de uma análise de suas propriedades físicas, culturais e econômicas.

PROJETO OLHAR "DI" VER CIDADE

O referido projeto foi desenvolvido com a participação das artesãs do curso técnico em Artesanato modalidade Proeja, sob nossa orientação. O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) tem por objetivo oferecer oportunidade de estudos àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio, na idade regular, e possibilita, em uma única matrícula, reunir os conhecimentos do ensino médio às competências da educação profissional. O referido projeto, que integra as políticas públicas de educação do governo Dilma Rousseff, foi desenvolvido pelo Ministério da Educação do Brasil e faz parte dos cursos oferecidos pelo Ifal – *campus* Maceió.

O curso técnico em Artesanato foi lançado no Ifal – *campus* Maceió, no ano de 2006, e, como já dissemos, tem como público-alvo mulheres que produzem artesanato e que não possuem ou não finalizaram o ensino médio regular. Um de seus objetivos "proclamados" é agregar conhecimento técnico na criação e execução das peças produzidas, buscando uma adequação ao mercado, bem como a potencialização do seu valor agregado. O trabalho é interdisciplinar e envolve todas as disciplinas do semestre (sejam elas propedêuticas, sejam técnicas). Os três anos correspondentes ao ensino médio regular são divididos em seis semestres, tendo como objetivo envolver todo o conteúdo visto nos referidos semestres, na produção de peças artesanais.

O curso tem como característica a produção de peças artesanais criadas e executadas pelos alunos. Todas as etapas do processo de execução são previamente discutidas e planejadas pelo

corpo docente do semestre, com a participação ativa dos discentes. Dentro do planejamento semestral (realizado antes do início de cada período) levantam-se os produtos e as temáticas que poderão ser trabalhadas no decorrer do período. Durante o processo acadêmico (passadas as primeiras experiências), percebe-se nos alunos a carência de uma "alfabetização cultural" que possibilite ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão dos nexos que compõem o universo sócio-cultural e a trajetória histórico-temporal que engendrou, em diferentes momentos históricos, a realidade em que está inserido.

Assim, após a definição das temáticas e dos produtos de forma interdisciplinar, são realizadas visitas técnicas monitoradas às cidades do estado de Alagoas. As visitas acontecem no início de cada semestre, para viabilizar a produção dos trabalhos no decorrer do período. Essa metodologia interdisciplinar busca inserir os alunos na realidade do interior do estado a fim de que se apropriem do conhecimento da cultura do estado do qual fazem parte, onde nasceram e cresceram, acerca do qual demonstram, na maioria das vezes, o desconhecimento de suas tradições, de suas raízes e de seus costumes. A partir daí, surgem, por parte do corpo docente, alguns questionamentos: Qual seria a realidade do estado em que vivem? Que antecedentes históricos e culturais engendraram essa realidade? Quem são seus filhos ilustres? Como surgiu o artesanato local? Que interesses definiram sua geografia? Sua arquitetura? Enfim, o que compõe nossas raízes e nossa verdadeira história.

Diante dessa realidade e tendo em vista a superação dessas carências, foi elaborado, em 2013, o projeto "Olhar 'di' ver cidade" que, trazendo uma nova proposta pedagógica para o curso técnico em artesanato modalidade Proeja, reforça a necessidade da educação patrimonial, usada como instrumento metodológico da "alfabetização cultural" buscando, principalmente, a construção de uma visão crítica a respeito da realidade encontrada atualmente em nosso estado, sem descartar a sua historicidade e diversidade cultural. Diante dessa premissa, já defendemos que o conhecimento e o entendimento do objeto (ou realidade) estudado são fundamentais para a sua preservação (metodologia sustentável). Sendo assim, a necessidade de se conhecer *in loco* o estado (ou parte dele) é fundamental para a construção de uma consciência crítica da realidade e fortalecimento dos sentimentos de cidadania e identidade. Portanto, visitar as cidades do estado seria uma forma de inserir os alunos em um processo de "alfabetização cultural" por meio da Educação Patrimonial, proporcionando o conhecimento (ou reconhecimento), apropriação e valorização da herança cultural existente no estado de Alagoas.

As cidades são escolhidas por meio de uma prospecção realizada pelos docentes, que estudam o local, colhem informações *in loco* e realizam levantamento fotográfico. Vencida essa etapa, a escolha do lugar a ser estudado se dá por votação, em reunião com os demais docentes envolvidos no curso.

O projeto semestral tem início com a preparação metodológica das artesãs, por meio da organização de um ciclo de palestras, que viabiliza um melhor entendimento e conhecimento

da cidade, para consequente visita técnica, que proporciona subsídios informativos e visuais que serão posteriormente relacionados no local visitado.

Em seguida, as informações coletadas são levadas para sala de aula, onde serão trabalhadas dentro de uma metodologia aplicada nas disciplinas do semestre, buscando o desenvolvimento dos produtos propostos para o período. As atividades subsequentes obedecem a uma sequência que descrevemos a seguir:

- Lançamento do tema e produto a ser desenvolvido – como já mencionado, os temas e os produtos (total de dois por semestre) são escolhidos em planejamento prévio e estão associados às disciplinas vigentes no semestre (propedêuticas e técnicas) e aos potenciais levantados na visita à cidade.
- Desenvolvimento de pesquisa – levantamento de pontos referenciais sobre o tema proposto (o tema está atrelado à visita), elementos visuais e sensoriais relevantes – cores, formas etc. –, extraídos do ciclo de palestras inicial e da visita.
- Escolha de palavras-chave – essa atividade pode ser executada individual ou coletivamente. Diante da pesquisa realizada elenca-se o que se destaca ou o que se sobressai ao olhar de cada um e, a partir desse referencial, constrói-se um banco de palavras-chave.
- Produção de um painel de referência – composto com imagens retiradas das referências levantadas (selecionam-se cinco palavras do banco de palavras construído na etapa anterior). O painel é elaborado de forma compositiva, onde, com a referência das palavras, buscam-se imagens análogas e, de posse desse material, compõe-se um cenário equilibrado e harmonioso de formas, cores e texturas.



Figura 1 Exemplos de painéis de referência elaborados pelas alunas Lúcia e Markele

Crédito: Juliana Aguiar.

- Desenvolvimento do conceito – o conceito deverá sintetizar todas as informações coletadas, com base no painel de referência que é um norteador para a definição do produto.
- Início do processo de criação do produto – peça artesanal – O painel vai ser sempre referência nessas etapas em que o foco é encontrar respostas para as perguntas lançadas

no decorrer do processo metodológico, e, por meio de estudos, croquis e esboços buscar as soluções mais adequadas para as questões levantadas, tais como: forma adequada, cor, material, exequibilidade, técnica artesanal empregada etc.

- Desenvolvimento do produto – essa etapa compreende a execução do produto. Cada projeto desenvolvido pelos alunos e assessorado pelos professores passa a tomar forma e consistência. Vale ressaltar que todo o processo de desenvolvimento do produto é acompanhado e assessorado pelos docentes dos períodos envolvidos de forma interdisciplinar.
- Finalização do processo – a etapa final desse processo tem sua culminância na apresentação do produto em banca aberta, contando com a participação do corpo docente e de todos os alunos da turma. Nessa etapa, o produto (já finalizado) é fotografado e apresentado pela autora, que passa a relatar toda a história da sua peça – desde sua gênese até a finalização. A banca tem a preocupação de analisar todo o processo, além de avaliar se o produto atende a todos os critérios estabelecidos em sala, tais como: interação com o tema, estética, acabamento etc.

Esse é o momento culminante da metodologia adotada – a apresentação dos produtos desenvolvidos pelos alunos, explicitando a metodologia e técnica artesanal utilizada para a confecção do produto em momentos pontuais (bancas). Nesse momento, os trabalhos são analisados e avaliados pelos docentes do semestre que farão suas considerações e propostas para a melhoria ou adequação dos materiais e acabamentos dos produtos apresentados.

Esse processo valoriza todo o conhecimento adquirido no decorrer do curso com o desenvolvimento de cada produto, as alunas têm a oportunidade de expor suas ideias e, principalmente, de explicar de onde partiu a inspiração que gerou sua peça, pois todo o processo de criação e execução é realizado por elas, com a assessoria do corpo docente que faz parte do semestre. O momento da banca e apresentação do trabalho torna-se especial, pois as alunas têm a oportunidade de expor todo o conhecimento apreendido com a apresentação da obra executada, essa dinâmica aplicada no decorrer do curso leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades, à valorização da cultura brasileira, especificamente a alagoana, compreendida como múltipla e plural. Em contrapartida, a partir do momento que as alunas passam a fazer parte do universo acadêmico, não se veem mais longe desse mundo que trouxe outra perspectiva para as suas vidas.

A seguir, apresentaremos algumas características de cidades visitadas e peças artesanais que foram planejadas e desenvolvidas por alunos do curso técnico em Artesanato modalidade Proeja nos anos 2013 a 2015.



Figura 2 Algumas das cidades visitadas: Barra de Camaragibe, Penedo, Viçosa e Arapiraca

Crédito: Juliana Aguiar.



Figura 3 Bandôs e mobiles executados pelas alunas Edna e Lúcia

Crédito: Juliana Aguiar.

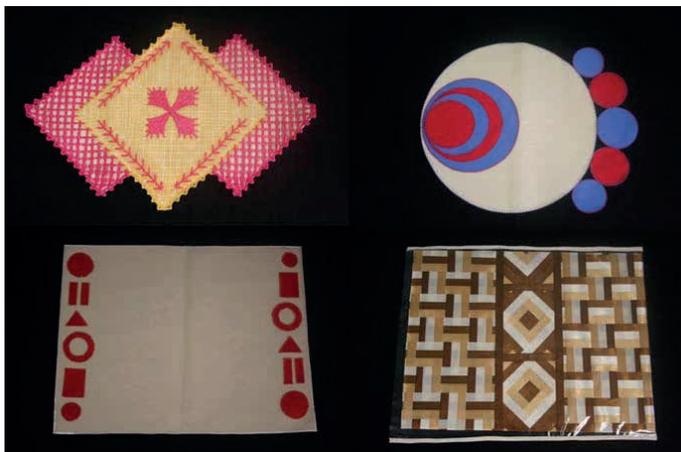


Figura 4 Jogos americanos executados pelas alunas Marília, Alana, Fatima Cristina e Juciléia

Crédito: Juliana Aguiar.



Figura 5 Aventais executados pelas alunas Cristiane e Lúcia

Crédito: Juliana Aguiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que por meio do conhecimento, do entendimento e da importância da Educação Patrimonial como instrumento da “alfabetização cultural” e de preservação de nossas tradições poderemos atingir um modo sustentável de interagir com o meio em que habitamos. O projeto “Olhar ‘di’ ver cidade” vem com a proposta de atingir o público a seu alcance (artesãs e artesãos – alunas e alunos do curso técnico em Artesanato) com ações que estimulem o reconhecimento dos seus valores culturais e de suas tradições como preservação de suas memórias e meio ambiente. Somos dependentes desse meio e responsáveis pela sua preservação. Dessa forma, é imprescindível o nosso reconhecimento, como seres humanos, da necessidade de coexistir de forma não destrutiva e equilibrada com a natureza e com o meio ambiente, fundamental para existência harmoniosa entre o homem e o meio. Desse modo, é possível atingirmos o “equilíbrio dinâmico”, buscando a evolução da nossa existência no planeta Terra sem comprometer o futuro de todos que ainda virão. Podemos inclusive nos questionar a respeito do caráter utópico de tais ações e pensamentos, mas assim como Fernando Pessoa (2013), acreditamos que somos do tamanho do que vemos e não do tamanho de nossa altura, por isso investimos na preservação do nosso patrimônio, seja ele material, seja imaterial, investimos também na modificação do padrão de consumo adotado pensando na preservação do Planeta. Assim, poderemos ser agentes multiplicadores e modificadores da realidade posta, e assim sendo, refletir a respeito dos valores impostos faz parte do nosso dever como cidadãos e habitantes do planeta Terra. Embora tenhamos a compreensão de que somente por meio da educação não é possível mudar nada, entendemos também que sem ela nada se muda, pois, embora influenciada pelo modelo de

sociedade vigente, seu poder vai muito além de nossas fronteiras pessoais. Ele se ramifica e se reproduz possibilitando a criação de perspectivas de mudança.

Seeing the city: an interdisciplinary experience

Abstract – The present article aims to show the way a participative work realized with a group of handicraft students from Instituto Federal de Alagoas (Ifal), in Brazil, bring a reflection about the search of sustainable through the knowledge and understanding the middle where we live, taking into consideration, the cultural identity and the traditions existing in the object of study, the atmosphere of the object studied, here represented by the cities of the state of Alagoas. From a sustainable methodology applied in the development of products that are characterized by the design and making handmade, resulting in parts that present unique identity and bring as a result representative of the atmosphere of the studied object.

Keywords: Sustainability. Design. Handicraft production. Interdisciplinarity. Projeja.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 50. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio e Serviços, Portaria n. 29, de 5 de outubro de 2010. Institui Base Conceitual do Artesanato Brasileiro. *Diário Oficial da União*, n. 192, 6 de outubro de 2010.
- HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. 5. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- LINS, S. B. Alagoas engenho e arte. In: APRATTO, D.; DANTAS, C. L. *Mestres artesãos das Alagoas*. 2. ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2009.
- MUNARI, B. *Das coisas nascem coisas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- PAPANÉK, V. *Arquitetura e design*. Ecologia e ética. Lisboa: Edições 70, 1995.
- PESSOA, F. Poemas Completos de Alberto Caeiro. *Luso-livros.net*, 2013. Disponível em: <<https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/06/Poemas-de-Alberto-Caeiro.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2014.
- ROAF, S.; CRICHTON, D.; NICOL, F. *A adaptação de edificações e cidades às mudanças climáticas: um guia de sobrevivência para o século XXI*. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- ROMERO, M. A. B. *Arquitetura do lugar: uma visão bioclimática da sustentabilidade em Brasília*. São Paulo: Nova Técnica Editora, 2001.

Recebido em fevereiro de 2016.

Aprovado em fevereiro de 2016.